

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
CINE-ÓPERA  
4 de setembro de 2025

FRÖKEN JULIE / 1951  
(Vertigem)

*Um filme de Alf Sjöberg*

Realização: Alf Sjöberg / Argumento: Alf Sjöberg, baseado na peça de August Strindberg / Direcção de Fotografia: Goran Strindberg / Direcção Artística: Bibi Lindstrom / Música: Dag Wiren / Som: Lars Lalin / Montagem: Lennart Wallen / Interpretação: Anita Björk (menina Julie), Ulf Palme (Jean), Marta Dorff (Kristin), Lissi Alandh (Condessa Berta), Anders Henrikson (Conde Carl), Inga Gill (Viola), Ake Fridell (Robert), Knut-Olof Sundström (noivo de Julie), Max von Sydow (Hand), Margaretha Krook (governanta), Ake Claesson (o médico), Inger Norberg (Julie em criança), Jan Hagerman (Jean em criança), etc.

Produção: Sandrews / Produtor: Rune Waldekranz / Cópia: DCP, preto e branco, falada em sueco, com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 90 minutos / Estreia em Portugal: Tivoli, a 13 de Julho de 1953.

\*\*\*

Não é um nome que ande na boca de todos os cinéfilos, o de Alf Sjöberg. Quem começar a enumerar realizadores nórdicos pensa numa mão-cheia de nomes antes de se lembrar do de Sjöberg. Mas a sua carreira de cineasta, decorrida entre 1929 e 1969 (Sjöberg viveu entre 1903 e 1980), teve mais do que uma coroa de glória, daquelas que não estiveram ao alcance de realizadores de quem a história guardou memória muito mais viva. As Palmas de Ouro de Cannes, por exemplo: Sjöberg ganhou duas, uma em 1946 com **Hets** (filme de argumento escrito por Bergman, que terá dado também uma mãozinha na realização) e outra cinco anos mais tarde, com o filme que vamos ver esta tarde. Ainda assim, Sjöberg foi sobretudo um homem do teatro, dramaturgo e encenador, nesta última qualidade notabilizando-se pelas suas abordagens dos clássicos da dramaturgia sueca (como Strindberg, justamente a matriz de **Froken Julie**), havendo também referência a encenações marcantes de autores tão distintos como Shakespeare ou Pirandello.

Independentemente das idiossincrasias autorísticas, existe de facto um ar de família, “transgeracional”, naquilo que melhor conhecemos do cinema dos países nórdicos – ou, não se querendo ser tão generalista, do cinema sueco (ainda não se disse, e talvez não fosse preciso, mas Sjöberg era sueco). Com **Himlaspelet**, outro filme de Sjöberg, aqui mostrado há não muitos dias neste mesmo Ciclo, e **Froken Julie**, encontramos um possível traço de união, uma espécie de charneira, entre a primeira grande geração do cinema sueco (a de Stiller e de Sjöström) e alguém como Ingmar Bergman (e o facto de Bergman ser iniciado na realização sob os auspícios de Sjöberg serve de pequeno

reforço “simbólico” a esta ideia). Claro, existe um universo cultural comum (e o teatro, como herança ou como prática, não é absolutamente nada despreciando) mas, como produto dele ou não, algumas outras coisas se parecem prolongar. Em **Himlaspelet**, por exemplo, a presença da natureza tanto reenvia para a estilização dos “épicos naturalistas” de Sjöström como aponta (aquelas colinas filmadas em contra-picado, com o céu e as nuvens a dominarem o enquadramento) para a “nudez” da natureza (as dunas) no **Ordet** de Dreyer (que é dinamarquês, bem sabemos, mas não obstante). E aqui em **Froken Julie**, estes corruptos amorosos estigmatizados por um sentimento de classe, esta sexualidade atormentada e propriamente mortífera, mais do que uma vez traz Bergman à memória. (Por via de Strindberg, dirão, mas há qualquer, por exemplo nas noites, por exemplo no movimento e circulação das personagens e respectivos corpos, onde defenderíamos que o que o encontro era mais directo, menos mediado – pensar nuns **Sorrisos de uma Noite de Verão** com a comédia atenuada).

Na altura em que **Froken Julie** se estreou, muitos comentadores se surpreenderam com a “dinâmica visual” aplicada por Sjöberg, “surpreendente”, diziam, por se tratar de um homem com formação teatral. Mas essa dinâmica, quando tem a ver com o movimento propriamente dito, travellings e afins, mas também com a presença dos actores dentro dos planos, ou sobretudo com a coexistência dos actores dentro dos planos (os planos de conjunto, a “menina Júlia” e os homens), ou ainda quando tem a ver com a agilidade e a velocidade da montagem (a introdução e a saída dos flash-backs, por exemplo); essa dinâmica, dizíamos, nunca releva de um artifício postizo comum em muito filme “envergonhado” da sua matriz teatral, interessado numa mera “agitação” que a esconda. É, pelo contrário, a prova maior da intuição e da intenção de Sjöberg: criar um mecanismo (“metafísico”, chamemos-lhe) que envolve e arrasta as suas personagens, um mecanismo que elas (em especial a manipuladora “menina Júlia”) talvez ponham em funcionamento mas de que cedo perdem o domínio. Talvez por isto o título português, sendo totalmente traidor à letra do original, nos pareça, no vasto contexto dos “títulos portugueses totalmente traidores à letra do original”, um caso raro de intuição – “vertigem”: eis a melhor descrição para o movimento gerado e trabalhado por **Froken Julie**, a partir daquela inacreditável e “pagã” cena inicial (aquela espécie de grande “falo” que os camponeses erguem, e o contracampo do rosto de Anita Björk).

E por falar em Anita Björk. O que Lo Duca, à época, escreveu a seu respeito nos Cahiers parece um exagero: “*Falconetti – et ‘la’ Falconetti seule – peut servir de repère*”. Mas o exagero, como sabemos, é uma maneira retórica de fazer justiça.

Luís Miguel Oliveira